

SETE VIDAS E MUITAS FACES: A IMAGEM DO GATO NA IDADE MÉDIA

Data de submissão: 22/08/2024

Data de aceite: 01/10/2024

José de Arimathéia Cordeiro Custódio

Doutor em Estudos da Linguagem.
Universidade Estadual de Londrina -
Campus Universitário (UEL),
Londrina - PR.

RESUMO: Os gatos medievais são como a própria Idade Média: há quem demonize, há quem romantize. Agentes do diabo e companheiro de bruxas? Sim, imagens e relatos da época representam isso. Até a Igreja se pronunciou sobre seu caráter diabólico, símbolo de pecados e parceiro de sabás e feitiçarias. A má fama se espalhou pela Europa como fogo em capim seco, assim como os exageros. Contudo, nem só de demônios e pecados são as imagens de gatos. Também existem gatos no colo de santos, como nas figuras de Santa Gertrudes de Nivelles (Bélgica, século VII) e, é claro, São Francisco de Assis (Itália, século XII-XIII). Este estudo apresenta um panorama geral das representações dos gatos na Idade Média, dentro do imaginário, mas foca mais nos relatos positivos, posto que os negativos são bem conhecidos, e se fixa depois na descrição de três imagens da época com gatos, que traduzem o referido

imaginário. Para isso, recorre a fontes bibliográficas, na tentativa de ampliar as referências sobre o tema. As três imagens foram selecionadas a fim de contemplar uma imagem ligada ao sagrado, uma de algum registro cotidiano, e outra que associa o gato ao mal, independente se profana ou não. Outras imagens servem para ilustrar as informações levantadas na pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem; Gato; Idade Média; Imaginário.

INTRODUÇÃO

Os gatos medievais são como a própria Idade Média: há quem demonize, há quem romantize. Agentes do diabo e companheiro de bruxas? Sim, imagens e relatos da época representam isso. Até a Igreja se pronunciou sobre seu caráter diabólico, símbolo de pecados e parceiro de sabás e feitiçarias. A má fama se espalhou pela Europa como fogo em capim seco, assim como os exageros. Contudo, nem só de demônios e pecados são as imagens de gatos. Também existem gatos no colo de santos, como nas figuras de Santa Gertrudes de Nivelles (Bélgica,

século VII) e, é claro, São Francisco de Assis (Itália, século XII-XIII).

E como muitos outros focos de pesquisa, os estudos em torno destes bichos cresceram mais recentemente, quando mais historiadores se interessaram em ampliar ou aprofundar o conhecimento sobre eles, pelas mais diversas abordagens: sanitária, social, espiritual, ou outra. De fato, os gatos, como outros episódios, personagens ou materiais históricos, acompanharam o desenvolvimento dos estudos e das teorias. Assim afirmam dois importantes medievalistas:

Os animais da Idade Média ficaram mais bem conhecidos nas duas ou três últimas décadas, graças a um novo tipo de zoo-história que não mais se baseia somente em documentos impressos (textos, representações), e sim, de forma mais sólida, em vestígios deixados por esses animais e que podem ser estudados graças aos métodos aperfeiçoados pelos arqueozoólogos da Pré-História (LE GOFF e SCHMITT, 2006, p. 57).

É evidente que, antes dos estudos históricos sérios, havia o senso comum e as versões apresentadas pelas expressões artísticas visuais, como a pintura e mais tarde o cinema, e as literárias, como a tradição oral e contos, romances, etc. O que se pode afirmar com segurança é que os gatos, assim como tantas outras criaturas, foram injustiçados por séculos. Na espiritualizada e supersticiosa Idade Média, tudo isso em superlativo. E para quem pensa que esta mentalidade acabou, pode conferir a quantidade de postagens nas redes sociais que criticam o preconceito contra gatos pretos que, aliás, são sempre os últimos nas filas de adoção. Pode-se até não mais acreditar em bruxas, mas que gatos pretos dão azar, dão – dizem.

O fato é que a natureza do gato provocou tudo isso. No Antigo Egito eram venerados: havia Bast, a deusa gata. Graças a Muzza, um gato que fazia companhia a Maomé, temos a Istambul de hoje cheia de gatos livres, respeitados e bem tratados. Mas na Idade Média da Europa ocidental a relação de amor e ódio dos seres humanos com os pequenos felinos se manifestou com força, sobretudo com fala de traiçoeiro. Diz Fossier (2018):

Quanto ao gato, que a Igreja, ainda no fim do século XI e, depois, a opinião pública assimilam ao sabá, à magia e ao diabo, ele arranha, rouba, desencadeia crises de alergia, e sua lubricidade o torna odioso aos homens, mas muito menos às mulheres, como testemunha nossa moderna publicidade. (FOSSIER, 2018, p. 159).

Outros autores vão no mesmo sentido:

O gato, muito mais integrado no Ocidente do que se pensava até hoje, pouco entra na intimidade dos homens. (...) mal cuidados, mal nutridos, mal amados, mantidos em estado famélico que sua função exige: caçar ratos. Apesar da grande desconfiança que inspira, dos vícios sombrios que representa – luxúria feminina, noite, paganismo, feitçaria, sabá e diabo – ele pode às vezes ser mimado por monges e mulheres (LE GOFF e SCHMITT, 2006, p. 62).

Enfim, foram tempos difíceis, bem diferente da vida dos cães:

A vida de um gato na Idade Média (c. 476-1500) diferia significativamente da

de um cão devido principalmente à sua associação com feitiçaria, escuridão e o diabo. No mundo antigo, o gato era altamente considerado por culturas tão diversas quanto China, Egito e Roma, mas, no século 13 na Europa, ele havia perdido seu status anterior e era geralmente tolerado por seu uso prático na contenção de vermes, mas não muitas vezes valorizado como um animal de estimação (MARK, 2018).

Porém, como afirmado, havia outro lado:

Ao mesmo tempo, no entanto, os cristãos medievais achavam o gato útil para o controle de pragas e como meio de percepção sobrenatural. Ratos e camundongos e outros vermes, observou-se, eram bem controlados por um gato ou dois na casa e comerciantes e tripulações de navios os consideravam benéficos também para proteger carregamentos de grãos, ou outras cargas, em transporte ou armazenamento (MARK, 2018).

Sabe-se que o Papa Gregório I (São Gregório Magno, 540-604 d. C.) não tinha posses, mas teve um gato como fiel companheiro. O príncipe Hywel Dda de Gales promulgou uma lei que protegia os gatos, por volta do ano 940 d. C. (OS GATOS, s.d.).

Apresentado o cenário, o passo seguinte é expor um pouco da Historiografia referente ao tema. Naturalmente, não um estudo exaustivo, mas apenas um sinal indicativo do que existe, apontamentos que ensejam aprofundamento com mais vagar e mais pesquisa.

Após esta contextualização do tema com citações e referências de historiadores, exemplos e relatos sobre a presença de gatos entre os humanos, sua função e tratamento que se recebiam, fosse em lares de gente comum, nobres ou religiosos. este estudo apresenta um panorama geral das representações imagéticas dos gatos na Idade Média, dentro do imaginário, mas foca mais nos relatos positivos, posto que os negativos são bem conhecidos, e se fixa depois na descrição de três imagens da época com gatos, que traduzem o referido imaginário.

As imagens foram selecionadas a fim de contemplar uma imagem ligada ao sagrado, uma de algum registro cotidiano. Outras imagens servem para ilustrar as informações levantadas na pesquisa.

ANIMAIS DE COMPANHIA

Sim, havia gatos nos lares medievais:

Não era incomum que homens e mulheres de alto status na Idade Média tivessem seus retratos concluídos na companhia de um animal de estimação, geralmente cães e gatos, para mostrar seu status. É comum ver imagens de gatos na iconografia de festas e outros espaços domésticos, o que parece refletir sua condição de animal de estimação no lar medieval elevado (KILLACKY, 2022).

Mais que isso: eram bem tratados e considerados:

Assim como hoje, as famílias medievais davam nomes a seus gatos. Um gato do século 13 na abadia de Beaulieu, por exemplo, era chamado de “Mite” de

acordo com as letras de tinta verde que aparecem acima de um rabisco do referido gato nas margens de um manuscrito medieval (KILLACKY, 2022).

Duby (1990) menciona a presença deles nos lares: “Na vida doméstica, quando a privacidade e intimidade familiar permitiam, o vestuário era mais simples e despojado, e muitas vezes colorido, refletindo objetos e outros elementos que reforçavam esta simplicidade e alegria”. O autor diz que podia ser vasos de flores, pássaros ou “esses gatos provocadores ou brincalhões” (DUBY, 1990, p. 200).

De fato, existem relatos que informam que a rainha da França no século XIV, Isabel da Baviera, gastava muito em acessórios para seus animais de estimação. Em 1387, consta, ela encomendou um colar bordado com pérolas e com uma fivela de ouro para seu esquilo de estimação. E em 1406, um pano verde brilhante foi comprado para fazer uma cobertura especial para seu gato (KILLACKY, 2022).

Mosteiros e conventos também adotaram os bichanos:

Os gatos são encontrados em abundância como um símbolo de status nos espaços religiosos medievais. Existem muitos manuscritos medievais que apresentam, por exemplo, iluminuras (pequenas imagens) de freiras com gatos, e os gatos frequentemente aparecem como rabiscos nas margens dos Livros de Horas (KILLACKY, 2022).

Outro autor vai na mesma direção:

Os gatos, defensores da sagrada tradição da eucaristia, aproximam-se, portanto, dos eclesiásticos, que, através de seu comportamento, devem manter a ordem social de acordo com a palavra de Deus. Odo de Cheridon (nascido em 1185), ao utilizar suas fábulas para oferecer mensagens de comportamento humano para preservar a ordem social medieval, lançava freqüentemente mão da figura de gatos tonsurados e paramentados como um monge para perseguir um rato. (SALISBURY, 1994:124-125) (2023, p. 2).

Também Sarandy (2010, p. 240): “Serpell e Paul (1994) indicam que gatos e alguns pássaros eram os únicos animais permitidos em conventos franciscanos, pois eram vistos como úteis na manutenção da limpeza, numa explicação claramente funcionalista. Segundo Thomas (1988), no reinado de Carlos II (1660-1685) a maioria das famílias londrinas possuía pelo menos um gato”.

E os felinos desfrutavam ainda dos favores dos acadêmicos, inclusive no Renascimento:

Os gatos também eram companheiros comuns para os acadêmicos, e elogios sobre gatos não eram incomuns no século 16. Em um poema, um gato é descrito como o companheiro mais querido e suave de um acadêmico. Elogios como esse sugerem um forte apego emocional aos gatos de estimação e mostram como os gatos não apenas animavam seus donos, mas também proporcionavam distrações bem-vindas da difícil arte mental de ler e escrever (KILLACKY, 2022).

No século XV, na Inglaterra, eram habituais as áreas e propriedades cercadas

com paliçadas ou cercas, para fixação dos limites e também segurança. “Proteger-se dos estranhos e dos vizinhos, afastar os animais selvagens, que precisamente recomeçaram a pulular no final da Idade Média, mas também os animais domésticos errando sem vigilância” (DUBY, 1990, p. 429-30). Cães e gatos, notadamente.

Os felinos domésticos, ao lado de uma longa lista de outros animais, também protagonizavam uma grande quantidade de ditos populares medievais. É mais uma forte indicação de sua presença no imaginário do medievo. Bragança Júnior fala disso: “A partir do século XII foram incluídos nos sermões exempla e proverbial com o uso de animais para, segundo a recomendação de Bernardo de Claraval, estimular o intelecto do leitor” (2023, p. 2).

E vai além:

Várias foram as funções dos animais presentes nos textos medievais. Essencialmente, as principais referiam-se a eles como símbolos do trabalho, de comida e de paródia ao comportamento humano. Dentre eles, temos o lobo, a raposa, o leão, o cão, o cordeiro, a serpente, o boi, o sapo, o burro, o macaco, o gato, a cegonha, o esquilo e o veado, veiculando, portanto, veiculavam mensagens, que serviam para a reflexão do ouvinte/leitor (se adotarmos a dualidade produção escrita, destinada a um público litteratus X oralidade, presente, por exemplo, na homilias e sermões), mensagens essas que estavam imbuídas de uma sabedoria experiencial aliada à sabedoria primeira oriunda do conhecimento e aplicação diária da palavra de Deus. Provérbio: *Cattus sepe satur cum capto mure iocatur* (manuscrito Ba 37) Tradução: Frequentemente o saciado gato brinca com o aprisionado rato.

Especificamente sobre o gato, informa: “os felinos domésticos aparecem com frequência nos *libri proverbiorum* e bestiários medievais. Rápidos, ágeis, perseguidores incansáveis de ratos, há menção aos gatos e suas qualidades até no Direito galês do século X: Suas qualidades são ver, ouvir, matar ratos, possuir as patas sadias, nutrir e não devorar seus gatinhos.(SALISBURY:1994,14)” (idem). E acrescenta: “A mentalidade medieval associava os ratos, em geral, a estragos e danos, muitas vezes permanentes. Em *Os defeitos das mulheres*, poema datado do final do século XIII e início do seguinte publicado na França, temos a mulher comparada a um rato para “destruir” (SALISBURY:1994, 157-158), donde inferimos a conotação negativa dada a ambos” (idem).

Já como exemplo na Arte, em A “Última Ceia de Pietro Lorenzetti”, um gato senta-se perto do fogo enquanto um cachorrinho lambe um prato de sobras no chão. O gato e o cachorro não desempenham nenhum papel narrativo na cena, mas sinalizam ao espectador que este é um espaço doméstico (KILLACKY, 2022).

DA BÍBLIA AO CINEMA

Muitos sites erram ao afirmar que os gatos não são citados na Bíblia. São, mas há alguns problemas. A primeira citação está no Livro de Isaías, capítulo 34, versículo 14. A dificuldade está no fato de que muitas traduções, evangélicas, traduzem como “feras

selvagens”. É o caso da versão Almeida Corrigida Fiel (ACF). Mas em Bíblicas católicas como a de Jerusalém e Ave-Maria, o versículo diz expressamente “gatos selvagens”. Contudo, a Nova Versão Internacional (NVI) é evangélica e traz “gatos selvagens”. Eis o versículo na Bíblia de Jerusalém: “Os gatos selvagens conviverão aí com hienas, os sátiros chamarão seus companheiros. Ali descansará Lilith” (BÍBLIA, 2002). O profeta descreve um “pequeno apocalipse”: a decadência, julgamento e ruína de nações pagãs. Logo, os felinos aqui são associados à selvageria, violência, ao mal.

Outra menção está no Livro de Baruc, capítulo 6, versículo 21, diz: “Sobre seus corpos e suas cabeças esvoaçam morcegos, andorinhas e outros voláteis, como também os gatos” (BÍBLIA, 2002). O texto se refere às estátuas dos ídolos em templos babilônicos. O livro não está na Bíblia hebraica, talvez por isso os sites não o reconheçam. A versão grega coloca-o entre Jeremias e Lamentações. Na Vulgata, após Lamentações. Baruc teria sido secretário de Jeremias no exílio, e o sexto capítulo é um trecho identificado pelo locutor como uma carta do profeta. Acredita-se que 2Mc 2,1-3 refere-se a esta carta.

“Um rei pode olhar para os olhos de um gato”, diz um provérbio inglês. O dito ganhou muitas variações, como “Somente um rei pode olhar para os olhos de um gato”. Ninguém menos que um ungido e nobre acima dos nobres teria condições de encarar o olhar do mais simples representante da espécie *felis catus*.

Enfim, havia toda uma aura em torno do animal, como já registravam os bestiários medievais. Sobre isso, Queiroz (2010, p. 25) anota: “Ficou evidente, nesses estudos, que os animais eram classificados pelos estudiosos da Alta Idade Média de acordo com as funções a eles atribuídas. Desse modo, considerando a proximidade do animal ao homem, de acordo com as características físicas dos animais, o seu habitat e o seu tamanho, enfim os elementos característicos do seu modo de vida”.

Os “poderes” dos gatos nunca deixaram de habitar o imaginário humano ao longo dos séculos. Só para dar um exemplo, vale citar o filme tchecoslovaco “Um dia, um gato” (1963), que conta a história de um gato que “colore” as pessoas para quem olha, expondo mentiras, hipocrisias, segredos e sentimentos, como inveja e ódio.

Mas vamos às imagens:



“Última Ceia” (1320), de Pietro Lorenzetti.

Fonte: <https://revistaplaneta.com.br/a-surpreendente-presenca-de-gatos-em-manuscritos-da-idade-media/> . Acesso em 12.06.23.

Esta é a “Última Ceia” (1320), de Pietro Lorenzetti. Trata-se de um pintor gótico italiano que recebeu influência de Giotto, mas desenvolveu um estilo mais naturalista em suas obras, atualmente encontradas em Siena, Arezzo e Assis. Além dos temas sacros, pintou paisagens urbanas e rurais.

A importante passagem bíblica retratada por Lorenzetti traz tantos elementos fundamentais do episódio quanto do *zeitgeist*, ou seja, ela se passa num cenário do século XIV europeu, como se pode ver na arquitetura do local. As roupas remetem ao tempo de Jesus. Os halos estão presentes nas figuras santas e lá está João, o apóstolo amado e imberbe, recostado em Jesus e desolado com a revelação da traição por um dos doze. Outras pessoas aparecem, comuns, serviçais da casa, entre o espaço da ceia e doméstico. No cômodo ao lado, a cozinha, outros realizam trabalhos triviais, enquanto um cachorro come restos de comida e um gato dorme tranquilamente. Os animais foram escolhidos para compor a ideia de um lar medieval e cada um com seu temperamento: o cachorro cedendo a um instinto básico (fome) e o gato com sua imperturbável fleuma.



Ilustração do Livro de Horas de Maastricht (Holanda), século XIV.

Fonte: <https://revistaplaneta.com.br/a-surpreendente-presenca-de-gatos-em-manuscritos-da-idade-media/> . Acesso em 12.06.23.

Na figura acima temos um detalhe de uma miniatura que mostra uma freira fiando, enquanto seu gato de estimação brinca com o fusão. A imagem está num Livro de Horas de Maastricht, Holanda, do século XIV. Os Livros de Horas eram obras devocionais e familiares, e geralmente continham orações, cânticos e o calendário de festas, santos e a liturgia das horas. Apareceram ainda na Baixa Idade Média, no período carolíngio, e foram muito populares nos últimos séculos da Idade Média.

Embora retrate uma freira, membro do clero, o detalhe mostra uma atividade rotineira e comum num contexto doméstico, mesmo um convento: fiar algodão, ou lã. A cena ilustra o lado brincalhão dos gatos, que gostam de interferir nas atividades triviais dos humanos e “atrapalhá-los” em suas tarefas. Claro que os humanos não se importam, quando gostam dos bichinhos. Acham graça, pausam o trabalho para brincar um pouco, ou conversam com o gato para que não lhes perturbe mais. Ou simplesmente ignoram. O fato é que, lá como cá, na Idade Média ou Contemporânea, os gatos domésticos circulam pela casa toda e fazem o que querem, inclusive atrapalhar a concentração e as atividades humanas.

Na terceira imagem, o “rei da lambida”:



“Rei gato”, de meados do século XV.

Fonte: <https://revistaplaneta.com.br/a-surpreendente-presenca-de-gatos-em-manuscritos-da-idade-media/> . Acesso em 12.06.23.

Esta veio da Alemanha, de meados do século XV. Mostra um gato coroadado sobre um brasão e língua de fora. Arrepiado e com olhos arregalados, é quase uma caricatura. As cores do brasão reproduzem suas cores principais, branco e vermelho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é à toa que na iconografia referente à Juliana de Norwich, ela muitas vezes retratava-se acariciando um gato (NUNES, 2023).

Adorados junto com Bast no Antigo Egito, mais tarde estes felinos foram domesticados em nome da pragmática: livrar os sujos lares medievais dos indesejados e nocivos ratos. Na Idade Média, como tudo o mais, os sentimentos em relação aos gatos foram espiritualizados e levados ao superlativo – amados ou odiados, dependendo do contexto local.

Sua habilidade caçadora é mencionada por Bragança Júnior:

Como controlador dos roedores, o gato possuía (até hoje em dia) uma função dentro da sociedade humana. Em uma página do manuscrito do Livro de Kells, de origem céltica e datação incerta, há uma figura, cuja simbologia nos é similar à do provérbio 37 do manuscrito de Basel. Joyce E. Salisbury (1994:65) assim a descreve: A figura mostra dois gatos que apanharam dois ratos pelo rabo os quais parecem estar mordiscando um objeto circular marcado com a forma de uma cruz, provavelmente uma hóstia de co munhão. ... Os gatos neste caso representam os aprimorados guardiães, desempenhando o papel deles esperado de manter a população de ratos sob controle (2023, p. 2).

A Igreja Católica foi acusada até de emitir documentos oficiais contra os gatos, atitude refutada por estudos mais recentes. Por outro lado, o Papa Bento XVI (Joseph Ratzinger, 1927-2022), por exemplo, deixou-se fotografar várias vezes na companhia de um gato, sobre sua escrivaninha, no colo, e ao lado, dentro de um automóvel. Ainda

Cardeal, Ratzinger citou ensinamentos oficiais da Igreja, como o Catecismo Católico, que diz que os animais são criaturas de Deus, que rodeia os seres humanos de sua solicitude providencial. Por sua simples existência, o bendizem e dão glória, e por isso os homens lhes devem apreço.

Antes dele, João Paulo II (Karol Wojtyła, 1920-2005) proclamou que os animais possuem uma alma e os homens devem amar e se sentir solidários a estes “irmãos menores”. Ele chegou a dizer que todos os animais são “fruto da ação criativa do Espírito Santo e merecem respeito”, e que eles estão “tão próximos de Deus como estão os homens”.

SARANDY (2010, p. 241), citando outro autor, endossa que “só no século XVIII o gato consolidou sua posição de animal de estimação: ‘é provável que o gato tenha adquirido popularidade à medida que se elevavam os padrões de asseio doméstico’, afirma Thomas (1988, p. 133) ao estilo funcionalista”.

No fim, permanece o que afirma Fossier (2018):

... o gato, que hoje invade nossas vidas, continua a levar a sua com independência, alguns dizem com egoísmo, tão seguro está dos favores trazidos pela graça, pela beleza, pela calma quase terapêutica que emana de suas atitudes e até de seu contato apaziguador e sereno. Desde o século XVII, e principalmente no século XIX, o gato tornou-se o exigente reconforto do homem, sobretudo da mulher, mas nunca esteve a serviço de um ou de outra. (Fossier, 2018, p. 161).

REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. **Os provérbios em latim medieval como espelho social – uma abordagem histórico-linguística**. Revista do GELNE (Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste). V. 5, N.1 (2023). Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9105> .Acesso em 24.07.23.

DUBY, Georges (org.). **História da vida privada 2: da Europa feudal à Renascença**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

FOSSIER, Robert. **As pessoas na Idade Média**. Petrópolis: Vozes, 2018.

OS GATOS na História da Europa. S.d. Disponível em <https://www.affinity-petcare.com/pt/os-gatos-na-historia-da-europa#> . Acesso em 12.06.23.

LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do Ocidente Medieval**. Volume 1. Bauru: Edusc, 2006.

KILLACKY, Madeleine S. Gatos na idade média: o que os manuscritos medievais nos ensinam sobre os animais de estimação de nossos ancestrais. Disponível em <https://theconversation.com/cats-in-the-middle-ages-what-medieval-manuscripts-teach-us-about-our-ancestors-pets-195389> . 23.12.2022. Acesso em 12.06.23.

MARK, Joshua. Gatos na idade média. **World History Encyclopedia**. Disponível em <https://www.worldhistory.org/trans/pt/2-1387/gatos-na-idade-media/>. 20.05.2018. Acesso em 12.06.23.

NUNES, Fernanda Cardoso. **Traduzindo narrativas místicas de autoria feminina medievais**: uma análise literária das obras de Juliana de Norwich e Margery Kempe (Tese). Programa de Pós-Graduação em Letras. João Pessoa, 2023. Disponível em https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/27076/1/FernandaCardosoNunes_Tese.pdf. Acesso em 12.06.23.

PATAS, urinas e ratos: **Gatos nos manuscritos medievais**. 06.03.2013. Disponível em

<https://boullan.wordpress.com/2013/03/06/patas-urinas-e-ratos-gatos-nos-manuscritos-medievais/>. Acesso em 12.06.23.

QUEIROZ, Nouraide Fernandes Rocha de. **Imagens mí(s)ticas do gato**. Dissertação de Mestrado do Programa de Estudos da Linguagem da UFRN. Natal, 2010. Disponível em <https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/16288/1/NouraideFRQ DISSERT.pdf>. Acesso em 23.07.23.

SARANDY, Andréa Barbosa Osório. Alguns aspectos simbólicos acerca do gato. *Ilha: Revista de Antropologia*. Florianópolis: UFSC, 2010. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2010v12n1-2p233>. Acesso em 25.07.23.